

Fi-nes-tra

Por Maryella Sobrinho

Quando la fame entra dalla porta, l'amore esce dalla finestra: l'idealità si scontra con la realtà.
Provério Italiano

Finestra, título desta mostra, é um termo de etimologia incerta, embora já tenha sido proposto que a palavra latina teria origem etrusca. Sugere-se que a Fenestra deriva do templo etrusco Fanu, que era uma capela mortuária. Fanu, por sua vez, deriva do latim fanum: templo, capela, nicho ou santuário sagrado. Sua versão abreviada, festra, significa "porta", mas também "janela santuário". Várias outras denominações podem ser associadas ao termo, enriquecendo seu significado, como “cavidade, o recesso formado por uma parede”, “meio ambiente, local”, “espaço vazio, habitação”, expressões que nos permitem pensar a janela como o elo para união de dois espaços distintos.

Finestra é uma abertura que nos possibilita ver o lado de fora, uma outra realidade, assim como a pintura - não esqueçamos que a ideia da pintura enquanto janela para outro mundo está nas origens da linguagem pictórica. Um mundo onde animais de diferentes espécies habitam um ambiente oco e sem substância, aprisionados na condição de servos da humanidade. O que lhes resta é observar o nada acontecendo pelas frestas deixadas pela pintora que lhes deu vida. Para Alice Lara, “retratar o animal é o nomear. Uma vez nomeado, adquire-se uma nova vida, e em seguida, é poupado de morte”. (SANGUINETTI apud VASCONCELOS, 2016, p.3) No canto de Ariosto, Orlando Furioso, a finestra tem o sentido de ferida, furo: col petto, col grifo e colle zanne | fa, dovunque si volge, ample finestre. (ARIOSTO, 1833, p.281) Os animais espiam pelas fissuras, retornando ao lugar de onde foram removidos - a paisagem; encaram o ser que os aprisiona em jaulas, cercas e na pintura - eles olham para a pintora e para nós.

A finestra é elemento chave desta exposição. Embora para Alice Lara o animal seja o protagonista, sem as aberturas deixada pela artista, não haveria o (re)encontro de dois mundos, reais e irrealis, tampouco dos personagens, homem e animal. Se as origens da arte são inseparáveis da religião e do mito, que narram o surgimento dos mundos, porque não retornar à origem de finestra, como janela santuário?

Referências

ARIOSTO. Orlando Furioso. Canto XIV. in BUTTURA, da A, Quattro poeti italiani: con una scelta di poesie italiane dal 1200 sino a' nostri tempi. Parigi: Presso Lefevre, 1833.

ERNOUT. A. Meillet. Dictionnaire de la Langue étymologique Latinas, IV edição. Paris, 1985

SANGUINETTI, Alessandra apud VASCONCELOS, Alice Lara. in O Fracasso do medo: pintar a condição contemporânea do animal. Brasília, 2016. Texto não publicado, gentilmente cedido à autora.

<https://www.garzantilinguistica.it/ricerca/?q=finestra> Acesso em 10 de agosto de 2016.

<http://www.pittau.it/comune/finestra.html> Acesso em 10 de agosto de 2016.

<https://dizionario.internazionale.it/parola/finestra> Acesso em 10 de agosto de 2016.

Maryella Sobrinho é doutora em História da Arte (Universidade do Estado de Santa Catarina), com estágio-sanduiche na Universidad Autonoma de Madrid; mestre em Teoria e História da Arte (Universidade de Brasília).